

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVIII Anno

30 DE SETEMBRO DE 1905

N.º 963



D. LUIZ DA CUNHA

Chronica Occidental

Agora que as questões politicas nos deixam mais socegados e que até no estrangeiro, onde, ainda ha pouco, corria o sangue humano em jorros, parece abrir suas azas o tao anhelado genio da paz, podemos descansar os olhos em mais apetezidos quadros e entretermo-nos com assumptos que não nos obriguem a molhar a penna em tinta negra, negra.

Desde que as camaras fecharam e o outomno vai permittindo aos ministros um descanso que o verão lhes não permittiu, os proprios jornaes de mais acirrada opposição já por vezes teem publicado numeros em que nem sequer apparecem as tres palavras: *Contracto dos Tabacos*.

A Russia e o Japão, que, durante tantos mezes, occuparam a attenção do mundo inteiro, vão devagarinho conformando-se, embora no imperio do Czar os revolucionarios não encontrem motivo para depôr as armas nem todos os japonezes se conformem com o tratado de paz que tamanha gloria foi para o presidente da republica americana.

Os delegados suecos e noruegueses chegaram a um accordo, decidindo enviar os litigios ante o tribunal arbitral da Haya.

O barometro, como se vê, marca variavel, dando-nos uma esperanza de que brevemente se ponha a subir até o bom tempo seguro, tão seguro quanto n'estas coisas se pôde ter segurança.

Emquanto, porém, se esperam os acontecimentos e vamos fazendo votos para que os annos futuros se não pareçam com os que inauguraram este seculo, vejamos algumas das alegrias com que nos quiz favorecer a boa sorte.

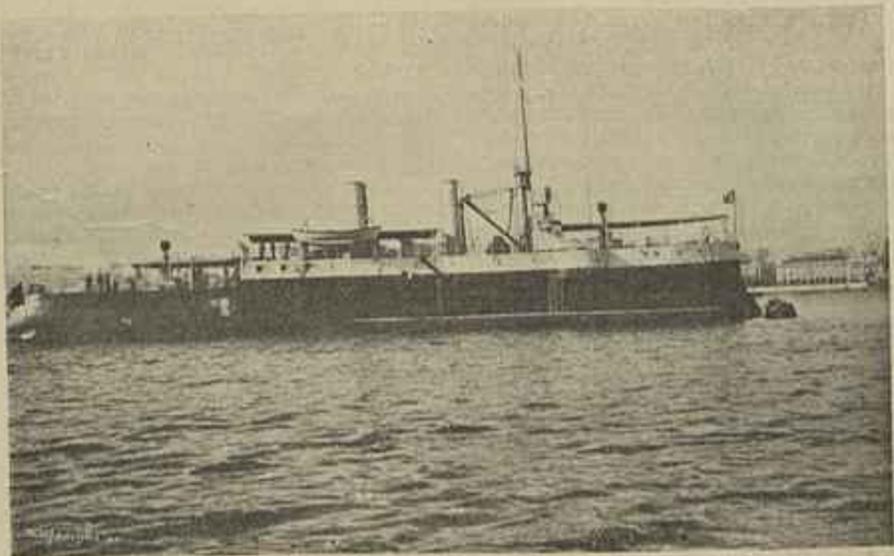
Em primeiro lugar, será dever nosso falar da recepção que nos portos do Brasil teve a canhoneira *Patria*, a qual por lá anda de visita, como lhe cumpria, aos nossos patricios de alem mar, a cujo patriotismo deve a sua construcção.

Tão longe da terra onde nasceram, bem demonstram elles a verdade da quadrinha popular que se refere á saudade, á ausencia, ao vento e ao lume. Aquella chamma de amor não ha vento que possa apagal-a, porque a ausencia faz approximar ainda mais do coração dos expatriados o cantinho querido que deixaram e que revêem constantemente á luz d'uma saudade dulcissima: ali viveram seus primeiros annos, acariciados nos braços d'uma mãe, ali se dedicaram ao primeiro trabalho abençoado, áquelle cemiterio acompanhar os primeiros entes queridos que lhes fugiram na vida, n'aquella humilde casa de aldeia viram, talvez, pela vez primeira uns olhos que para a vida inteira lhes ficaram sendo a luz mais creadora.

No mastro da canhoneira fluctuava ás brisas d'um outro hemispherio a bandeira azul e branca, e nada mais suggestivo de lembranças gloriosas ou enternecidas do que as cores d'aquelle linho. N'aquelle mastro sobretudo, que significação teriam para os olhos que as contemplavam, humedecidos de entusiasmo e de amor!

Festas não-de ter sido essas que para sempre ficarão na memoria da colonia portugueza em terras hospitaleiras do Brazil. Festas decerto memoraveis não de ser as que vão realizar-se em Lisboa por occasião da visita de Loubet, presidente da republica franceza, a esta capital.

Ainda se não sabe ao certo o numero de dias que Mr. Loubet poderá demorar-se em Lisboa. Visto o parlamento francez abrir no dia 30, não poderá o presidente demorar-se além do dia 28, e talvez não possa chegar a Lisboa antes de 27. Se assim fór, ficarão illiminados do programma dos



A CANHONEIRA «PATRIA»

festejos o passeio a Cintra e o jantar e iluminação em Cascaes.

Como já dissemos, figurarão no cortejo os mesmos coches que serviram quando foi da vinda a Lisboa do imperador da Allemanha e que tão admirados foram. O presidente Loubet, ministros que o acompanham e mais comitiva, alojar-se-hão no paço de Belem, onde já começaram a fazer-se os preparativos. A colonia franceza, que sob a presidencia de Mr. Bonneville reuniu ha dias, decidiu entregar a Mr. Loubet um album contendo uma mensagem em pergaminho que será illustrada por artistas portuguezes. Um cortejo fluvial que os clubs navaes pensam organizar acompanhará até á barra o cruzador *Leon Gambette* em que o presidente embarcará dirigindo-se a França. Fala-se ainda n'uma *marche au flâneaux* organizada pelo partido republicano.

Virá talvez o presidente um pouco cedo demais para dar feriado aos rapazes. E' possível que as aulas não abram senão nos primeiros dias de novembro.

Em Coimbra está grassando violentamente uma epidemia de variola e paes e tutores teem, com muito justificado receio, pedido ao governo que addie para mais tarde a abertura da Universidade.

Os que já acabaram ha muito os estudos revoltaram-se contra o grande numero de feriados que os rapazes gosaram o anno passado, por motivo das muitas visitas de soberanos; mas elles, que eram os mais interessados no assumpto, ficaram com certeza chorando por mais. Se o presidente Loubet viesse na occasião de interromper as aulas com certeza seria aclamado com muito maior calor.

N'estas occasiões todos teem um bocadinho de insensibilidade politica: os republicanos de bom grado acclamam os monarchas, como os monarchicos os presidentes das republicas. E defendem-se, e muito bem, dizendo: — E' uma questão de politica internacional.

E d'outras alegrias ainda se fala, que, este anno, nos esperam.

Trata-se de celebrar-se o centenario da morte de Bocage. A commissão promotora tem sua sede em Setubal, patria do insigne poeta. E' portanto mais uma festa patriótica, organizada para accender os brios portuguezes. Paga-se d'este modo a Elmano Sadino uma divida de grande gratidão e os iniciadores do movimento são dignos do maior elogio.

O sr. Arthur Lobo d'Avila está escrevendo para o theatro de D. Maria uma peça que terá Bocage como protagonista e que deve ser representada este anno por occasião da celebração do centenario.

São exemplos estes que deveriam imitar-se. Glorias não faltam em Portugal dignas de commemoração. Mas o que sempre nos faz pena são as injustiças relativas. Quando chegará a hora de Camillo Castello Branco? Quando será elle tão conhecido e devidamente apreciado que todos se convençam de que foi esse um dos maiores talentos de escriptor, tendo visto, infelizmente para elle, a luz em Portugal? Que má sorte o persegue ainda depois de morto? Porque ha de o espirito de justiça, que vamos vendo manifestar-se a favor de outros grandes homens, não luzir ainda para o infeliz tão pouco avaliado em vida, tão pouco conhecido ainda quando já quinze annos passaram sobre sua morte?

Porque não ha de seguir o Porto, onde Camillo passou quasi toda a vida, o exemplo de Setubal? Teria o applauso de quantos sinceramente se interessam pelas letras portuguezas. Era mais uma alegria para aqui mencionarmos, onde tão poucas apparecem.

Se quizessemos ainda fazer menção de mais algumas, teriamos agora de sahir de Lisboa, que esta mais não nos offerece fóra dos annuncios das casas de espectáculo que devem abrir muito brevemente: o Colyseu cujo empresario já mandou encher as esquinas de cartazes, a Trindade, onde, por umas noites vae representar a companhia do theatro de D. Maria, edificio por emquanto em obras, o Principe Real, que no dia 6, abre as suas portas com a primeira representação da *Feiticeira* de Sardon, etc.

Fóra de Lisboa, sim, encontraríamos muito para contar, se houvessemos podido dar o nosso passeio por todas essas terras, agora habitadas pela sociedade em que a gente se diverte.

Cascaes esteve em festa com a chegada da familia real que para alli partiu na passada terça feira. As auctoridades da terra e a maior parte da colonia balnear foram esperar a sr.^a D. Amelia ao rio dos Algarves. A villa embandeirou-se toda e ornamentou as suas janellas. Tocaram as musicas e salvaram os navios de guerra ancorados na bahia.

— Quantos tiros? Vinte e um?

E foi um palpite geral. Mas sahiu o 13.

Joga-se desenfreadamente por todas essas terras. No meio da alegria a que já nos referimos, avistam-se, de quando em quando, uns queixos cahidos.

A sorte não é igual para todos, não. Começamos esta chronica falando da entusiastica recepção que os brazileiros teem feito á canhoneira *Patria*, finalisamo-la referendo-nos tristemente aos naufragos do *Cyril* recentemente chegados. Paguemos com uma lagrima a gratidão que devemos aos da terra brazileira.

JOÃO DA CAMAEA.

D. LUIZ DA CUNHA

AS SUAS EMBAIXADAS E MISSÕES EM LONDRES, MADRID, HAYA, PARIS, E NO CONGRESSO DE UTRECHT — GOVERNO DE D. JOSÉ VASQUES DA CUNHA EM MASAGAÔ, A SUA EMBAIXADA NA HAYA, E OS GOVERNOS DO CONDE DA CUNHA, D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA, CAPITÃO GENERAL DE ANGOLA, E VICE-REI DO BRAZIL, ETC., ETC.

I

As grandes épocas historicas, os grandes homens, não se reproduzem na vida d'um povo; não ha dois Albuquerquees, como não ha dois Cesares, dois Napoleões. No seculo xviii Portugal já não era o ousado, o poderoso conquistador da India, o dominador dos mares orientaes: tinha já passado o momento, em que, em Tordesillas, elle repartia com a Hespanha o mundo das conquistas; mas se o sol não pára indefinidamente no seu zenith, os seus ultimos clarões illuminam ainda o horizonte.

Na carta politica da Europa, occupavamos um lugar, e esse lugar era honroso. Acabavamos de reconquistar pelas armas a nossa independencia; o pavilhão branco de Portugal fluctuava ainda nos mares, tinhamos esquadras, podiamos acrescentar aos nossos brilhantes fastos navaes um nome glorioso — a batalha naval de Matapan, em que destroçamos a esquadra turca: e na guerra de Hespanha — em 6 de junho de 1706 — o exercito portuguez, sobre as ordens do Marquez das Minas, entrava em Madrid com o archiduque Carlos, depois d'uma victoria, que lhe abriu as suas portas. Os netos, os descendentes dos heroes de Africa, da Asia, da America, os Almeidas, os Albuquerquees, os Cunhas, mostravam-se dignos d'elles, e honravam com a sua bravura aquelles capitães, que tinham escripto com a espada, no bronze da historia, paginas immortaes; esses auzades marinheiros, esses soldados, que poderiam dizer que os outros povos não tinham feito senão seguir a esteira dos seus navios em todos os mares da Asia e do Novo-Mundo, e que, como os de Bonaparte no Egypto, poderiam tambem escrever no mar e na terra esta phrase activa — *Estrada de Lisboa!*

«Não ha povo algum na Europa, sem exceptuar os romanos, cuja historia apresente mais leitões heroicos, e que mais inflame a imaginação, que a dos portuguezes. Desgraçado homem o que não se sente commovido e cioso, ao ler os historiadores d'esta nação! Não é susceptivel de nenhuma virtude!»

Estas palavras, tão cheias de justiça, tão consoladoras para nós, são d'um estrangeiro, um francez — o celebre general Dumouriez.

Lemol-as no prefacio da sua historia das *Campanhas do marechal de Schomberg, em Portugal*.

Sim — os homens illustres de Plutarcho achariam aqui os seus pares, mas encontrariam tambem na nossa sociedade moderna algumas figuras novas, que o mundo antigo não conheceu e não pode fornecer ao grande biographo grego de Cheronéa: — são esses humildes missionarios, que, seguindo os nossos guerreiros, e os nossos marinheiros, espalharam sobre os sanguinolentos sulcos, abertos pelas armas, os germens da nossa civilização, e que não colheram muitas vezes para si senão a gloria do martyrio!

II

A correspondencia diplomatica dos Cunhas — uma colleção muito rica e interessante, que contém mais de mil e quinhentos documentos, grande numero d'elles autographos — fala-nos do reinado do faustoso monarcha D. João V, de D. José I, tão celebre pela administração do seu grande ministro, o Marquez de Pombal, e da rainha D. Maria I, é um precioso thesoiro para os

que quizerem estudar a fundo e escrever a historia verdadeira de Portugal e das suas colonias durante este seculo. São tão raros estes felizes encontros, que não se deve deixar fugir esta occasião, e passar a outras mãos estes documentos, que têm o seu lugar nos archivos do paiz, cuja brilhante historia elles narram. Seria isso uma perda nacional.

Citamos o nome de Cunha entre o dos mais illustres, no periodo das nossas conquistas orientaes. Aqui é ainda um Cunha — D. Luiz — o primeiro que nós achamos, occupando um lugar eminente no mundo, diplomatico e politico do seu tempo; e não é só na corte do seu rei que elle é considerado, respeitam-no e admiram-no por toda a parte, na Haya, em Madrid, em Paris, e, se o seu nome não fez tremer os rajahs da India, elle combateu toda a sua vida, defendendo nas cortes estrangeiras, com um raro talento e uma indomavel energia, a honra e os interesses do seu rei e da patria. Morto em Paris, com 87 annos, a 9 de outubro de 1749, o seu ultimo despacho, é dirigido a Sebastião José de Carvalho, e tem a data de 17 de agosto, e em 15 de Setembro Thomaz da Silva Telles ainda lhe escrevia de Madrid, agradecendo-lhe a sua correspondencia. Podemos portanto dizer que elle morreu com as armas na mão.

Não é nosso intento escrever aqui a biographia d'este grande diplomata, seria escrever a historia politica da Europa, durante a primeira metade do seculo xviii. Nomeado embaixador em 1696, foi em Londres que D. Luiz da Cunha fez a sua estreia. Em 1712 partiu para Utrecht para auxiliar o conde de Farouca nos trabalhos do Congresso, depois voltou para Londres, d'onde o enviaram a Madrid, onde governava o cardeal Alberoni. Ahi teve elle graves contendas com o fugoso ministro, e desenvolveu então toda a sua habilitação, toda a sua energia. Alberoni, numa das suas conferencias, tinha ousado voltar-lhe as costas! Arrependeu-se depois, porque D. Luiz da Cunha não era homem que ficasse na defensiva, quando o atacavam. De mais conhecia elle bem a fundo toda a politica europeia e a situação da Hespanha naquelle momento.

Alberoni encontrou portanto quem lhe soubesse responder.

Estava em Londres, quando foi encarregado de representar Portugal no congresso de Cambrai, que não se reuniu, e então permaneceu por muito tempo em Paris. O centro do grande systema politico tinha-se deslocado: já não era o imperio de Carlos V e de Philippe II, era o imperio de Luiz XIV. A França tinha herdado da Hespanha. O sol agora fulgurava em Versailles.

Foi em Paris, que se passaram os ultimos annos da sua longa vida, de luctas, tão cheia de trabalhos e serviços. Paris era certamente, de todas as capitães, aquella que elle preferia: estava lá verdadeiramente no seu meio. Apreciavam-no, consultavam no nos casos difficeis, e M. de Beauchamp dizia d'elle que, entre os portuguezes, era — o quinto Evangelista!

III

E' pela leitura da sua correspondencia diplomatica que conheceremos a largueza das vistas, a alta intelligencia do embaixador de D. João V. Envolvido desde o fim do seculo antecedente em todos os negocios da politica internacional, astuto e experimentado em todas as subtilidades, das velhas cortes da Europa, não havia segredo, cuja chave elle não conhecesse. Desde 1697 vivêra sempre nas capitães estrangeiras e, como um habil general, apenas apparecia algum inimigo, algum negocio espinhoso, algum perigo para os interesses do seu paiz, viam-no correr em defesa do ponto ameaçado, e repellar o inimigo. Era, por assim dizer, o protector, o defensor de Portugal, em todas as cortes do Norte e do Meio-Dia.

Singular existencia a d'estes grandes ministros, que dirigem os negocios do mundo! Aos olhos do vulgo ella poderá parecer monotona, só occupada de festas reaes, e cerimoniaes, em que reina a fria etiqueta cortezã; mas naquelle tempo, sempre em vespera de grandes acontecimentos, quando sobre o throno de França, se sentava um rei como Luiz XV, quando ás frias intrigas da politica e da diplomacia se juntava o amor e as suas mais loucas paixões, para um homem com o espirito e o caracter de D. Luiz da Cunha, que figurava sobre a scena, e espreitava pelos bastidores, havia, neste espectáculo com grandes actores, um pouco de tudo — comedia, farça, e tragedia — sem contar com o imprevisto, que, pelo seu direito, se envolve em todos os negocios humanos.

Bem do seu tempo, não lhe era estranho nenhum dos problemas sociaes que agitavam o mundo, em que Montesquieu lançava as *Cartas*

persas — tão espirituosas e ainda mais audazes — e Voltaire, travando-se braço a braço com a velha sociedade, abalava-a com os golpes desapiados e repetidos do seu terrível sarcasmo.

Sobre o throno o terreno não era mais firme, estava-se na véspera da Revolução! Caminhava-se a passos largos, e, sem terem consciencia d'isso todos trabalhavam, para ella — até os que n'ella haviam de morrer!

Après nous le déluge! Luiz XV teve o presentimento, d'isso e confessava-o, quando pronunciou esta phrase, tristemente famosa — talvez o unico dito celebre do rei do *Parc aux cerfs* e da Du Barry! O ultimo dito da monarchia de Francisco I e de Luiz XIV! O gracejo d'um esturdiado!

Citamos a opinião de M. de Beauchamp sobre D. Luiz da Cunha. O quinto Evangelista é mais que uma phrase espirituosa, é uma verdade diplomatica. Evangelista não o era elle só para os portuguezes, era-o para todos: vemol o, temos a prova d'isso percorrendo a sua correspondencia, em que não faltam os elogios, os cumprimentos dos reis, dos príncipes, e dos personagens da mais alta gerarchia. Procuravam-no, requestavam-no; era escolhido para conselheiro e arbitro, em todos os negocios que requeriam facilidades superiores, uma prudencia providente, lucidez no golpe de vista, esse alto juizo, que só dão a idade e a longa experiencia dos negocios. E' porque elle tinha uma personalidade — não era só o representante, o intermediario, encarregado de fazer valer as ideias do seu governo; tinha as suas e a sua iniciativa, e estas ideias e esta iniciativa, eram as d'um espirito de primeira ordem. Os seus talentos politicos revelaram-no um homem da tempera, e da estatura dos grandes estadistas, e se o marquez de Pombal é o primeiro dos nossos grandes administradores, D. Luiz da Cunha é tambem o maior dos nossos diplomatas.

Rogaram-me fosse breve, e eu esqueci-o. Estas grandes figuras da historia tem alguma coisa da esphinge, são todas cheias de segredo e de mysterio; paramos a contemplá-las, e surprehendemo-nos a amal-as, como essas mulheres bellas e perfidas, cujo coração é um abysmo, onde em vão procuramos mergulhar, muito felizes ainda, quando ellas não nos arrebatarem, muito felizes ainda, quando ellas não nos arrebatarem, muito felizes ainda, quando ellas não nos arrebatarem, muito felizes ainda, quando ellas não nos arrebatarem. São grandes feiticeiras — As nações vêem as trabalhar, e não comprehendem o seu jogo; fazem nos estados a chuva e o bom tempo, a paz e a guerra; ás vezes são poetas, e então compõe tratados com as suas illusões, que tomam como realidades. Os bons, os perspicazes, salvam-nos, e quando não o podem fazer, fogem, e desaparecem aos nossos olhos no fumo e no estridor das batalhas, para apparecerem de novo, como as andorinhas na primavera, quando a atmosphera está serena, e os campos, em vez de soldados, estão cobertos de flores; quando as espingardas e os canhões emmudeceram, e a humanidade, caçada pelos horrores da guerra, deseja e busca a paz com o mesmo ardor, que ella outrora mostrava, quando provocava e se preparava para o combate!

IV

Em 1697, quando se assignou o tratado de Rishwisch, que deu a paz á Europa, D. Luiz da Cunha era nosso representante em Londres. E' ahí, na corte de Guilherme III, como dissemos, que principia a sua carreira diplomatica.

Vai nascer o seculo xviii. Singular tempo esse! Vê-se despontar já ao longe, a aurora dos dias da Revolução. As cabeças, os trajes, as cabelleiras, as carruagens, as personagens, os palacios, tudo era grande e magestoso, mas debaixo d'esta magestade, por fora tão serena, e que tinha o ar de se julgar eterna, havia já receios, até mesmo terrores: pressentia-se a tempestade final! Eram polvilhadas aquellas cabeças, mas dentro d'ellas havia tambem polvora, que devia um dia explodir. Eram as ideias inglezas de liberdade, do *self-government*, que tinham atravessado o estreito, e começavam a espalhar-se, com todos os attractivos da novidade, nas altas classes do antigo regimen.

E, coisa extraordinaria, não foi o povo, que havia de aproveitar com ellas, que as transportava para França; foram os mais illustres membros da nobreza e da magistratura, que as apresentaram nas cortes, as defenderam nos livros, as pozeram na moda nas conversações e *causeries* dos salões! Os nobres e servidores do rei Luiz XV, conspiravam contra a monarchia, até á sombra do throno: ao lado dos aposentos da favorita M^{me} de Pompadour, sob a presidencia do celebre doutor Quesnay, medico do rei, — o economista, o philosopho Quesnay — reunia-se o que a historia pode, com bom direito, chamar o primeiro club revolucionario!

A philosophia de Locke, e as ideias politicas da Inglaterra, contidas nas suas obras, tinham vindo para França na bagagem e no sequito dos presidentes *à mortier*, dos duques e dos príncipes! Algumas vezes ricos senhores inglezes, *lords*, como Bolingbroke, escriptores illustres, como David Hume — o historiador — mostravam-se nos salões de Paris, e então o entusiasmo, a admiração subiam ao seu auge, não tinham limites! Era uma preocupação universal por estes hospedes estrangeiros, que para esta sociedade eram os portadores da boa nova!

Os parques e os jardins, os homens e as ideias, os costumes e os trajes tudo mudava, tudo se tornava inglez!

Esta civilização anglo-saxonia principiava pois a conquistar o centro e o sul da Europa, para onde ella enviava, como seus representantes, membros de todas as classes desde o *lord* viajante, phantasticamente millionario, até ao humilde *merchant man* que o commercio e a industria forçavam a emigrar, em busca d'um bem estar, que o excedente da população da sua terra lhe recusavam. Eram já numerosos os que vinham estabelecer-se em Portugal; a nossa guerra com a Hespanha, no seculo precedente, e os tratados de commercio ulteriores feitos com a Inglaterra, deviam em pouco tempo tornar o nosso paiz muito popular entre os súditos do Reino Unido. Era uma grande colonia, que se achava aqui prompta a ser explorada pelo commercio e industria ingleza, uma saída para todas assas fabricas, com succursaes na Africa, na Asia e na America, um verdadeiro cofre de milhões, d'onde ia correr esse Pactolo, que havia de enriquecer o thesoiro da Inglaterra — a sua verdadeira Providencia — este oiro, que ia ser, nas mãos de Pitt, uma arma terrível, sem a qual elle seria vencido e prostrado pelo genio de Napoleão!

(Continúa)

ZACHARIAS D'ACA.

FORTIM «D. LUIZ FILIPPE»

DERROTA DE UMA QUADRILHA DE CUANHAMAS

Por um telegramma do dia 13 d'este mez, expedido do governador geral de Angola para o ministerio da marinha, soube-se da derrota de uma quadrilha de cuanhamas, proximo ao fortim *D. Luiz Filippe*, que elles pretendiam atacar.

Esta pequena victoria das armas portuguezas foi alcançada pelo sr. tenente Jacintho, que, á frente de 14 praças europeas e algumas auxiliares indigenas, derrotou a quadrilha, matando 30 homens do inimigo, fugindo os restantes, tendo o destacamento portuguez apenas dois soldados feridos sem importancia.

O fortim *D. Luiz Filippe* está construido junto ao rio Cunene, do concelho de Caconda, na passagem d'este rio para a Capitania Mór dos Ganguellas e Ambuellas.

E' um dos postos militares de defeza do concelho de Caconda, mas mal guarnecido, pelo que os cuanhamas o queriam atacar.

A nossa gravura é reproducção de uma photographia que nos enviou o sr. Theodoro José da Cruz, e, no seu pittoresco aspecto vê-se no primeiro plano um trecho das margens do Cunene e, no ultimo plano superior, o fortim *D. Luiz Filippe*, de moderna construcção.

O NOVO PAQUETE «AFRICA»

Mais um novo barco veio augmentar a já numerosa esquadra da Empresa Nacional de Navegação.

E' um vapor, o *Africa*, ha poucos dias ainda entrado no Tejo e cujas experiencias officiaes se fizeram do dia 20 do corrente, dando magnifico resultado, indo a bordo o ministro da marinha, sr. conselheiro Moreira Junior e muitos officiaes superiores da armada, etc.

O *Africa* n'estas experiencias chegou a deitar 16 milhas.

Na véspera tinha o *Africa* ido a Cascaes onde S. M. El Rei D. Carlos visitou este bello navio, ficando muito agradado, tanto do seu bom andamento, como da vastidão, commodidades e luxo dos seus aposentos.

A construcção naval tem attingido o maior progresso que se podia desejar, e quando se navega n'um barco d'esta ordem, reconhece-se quaõ rudimentar eram as construcções navaes dos secu-

los xv e xvi, em que os portuguezes foram mestres e os estrangeiros aqui vieram aprender.

Ainda de nossos dias são muitas construcções navaes feitas nos estaleiros de Portugal, que em nada se podem comparar com as da actualidade, e que todos os dias veem a nossos portos.

Se attentarmos bem nos grandes problemas de estabilidade, navegabilidade, commodidade e até luxo a que uma grande parte dos navios modernos, destinados principalmente a transporte de passageiros, tem a satisfazer, mal se comprehende como n'um espaço fluctuante e relativamente limitado, se pode architectar tão custosas fabricas, com uma solidez que não deixa duvidas, para resistir ao mar e aos tempos, n'um andamento acelerado para vencer as grandes distancias, no menor tempo possivel.

São assim os grandes trasatlanticos, que fazem as carreiras entre a Inglaterra e America ingleza.

O *Africa* é já um barco d'essa familia, guardadas as proporções e o extraordinario luxo d'aquelles, podendo todavia competir com muitos dos grandes paquetes que vem ao Tejo. Não ha duvida que o novo vapor da Empresa Nacional de Navegação é o navio mais luxuoso e de maiores dimensões que hoje possui a marinha mercante portugueza.

O *Africa* alem dos seus grandes porões para carga, tem aposentos para 100 passageiros de 1.^a classe, 60 de 2.^a e 140 de 3.^a.

A primeira camara é a meia nau, tendo um bello salão de musica, sala de jantar e confortaveis beliches. Os marmores de cores, os espelhos, as madeiras de faia e de espinheiro custosamente trabalhadas e polidas, guarnecem tanto a sala de musica e das senhoras, como o salão de jantar, sendo ambas ricamente mobiladas. Os beliches envernizados a branco e a dourado.

A segunda classe, menos luxuosa, é superior á 1.^a classe de muitos outros paquetes considerados bons.

A 3.^a classe é tambem bastante commoda e acceida.

Todas as dependencias do navio são illuminadas a luz electrica.

Ao longo do navio ha dois *promenoir* onde os passageiros podem passear e gosar á vontade, lendo, conversando, jogando e fumando como na mais commoda galeria.

O *Africa* tem duas machinas e dois helices, que são movidos por electricidade, da ponte dos pilotos.

E' commandante do *Africa* o sr. Augusto Dias Cura, immediato o sr. Guilherme Augusto Vidal Junior, 2.^o piloto o sr. Santos Gazul, 3.^o o sr. Manoel Sequeira Afflalo, Medico o sr. dr. Espirito Santo e commissario o sr. Arcenio Garcia.

Os riscos das camaras do *Africa* foram deliniados pelo sr. Guilherme Arnaud, que mais uma vez provou o seu bom gosto artistico.

TERREMOTOS NA ITALIA

Na manhã de 7 do corrente produziu-se na Calabria e Sicilia um terremoto que destruiu em grande parte as cidades de Catanzaro, Reggio, Messina, Cosenza, Monteleone, Calabro assim como muitas villas e aldeias, como Stefanconi, Piscopio, Zammara, que ficou completamente arrazada.

O Stromboli em activa erupção, levantava grandes linguas de fogo que se divisavam a 15 kilometros de distancia, e os rugidos subterraneos mais augmentava o pavor das populações, que abandonavam as suas casas a desmoronarem-se, e fugiam para os campos.

Este phenomeno sismico repetiu-se ainda no dia 13 com fortes abalos em Monteleone, Calabro, e Cosenza. Por muitos dias se conservaram as populações sob o maior terror e desolação.

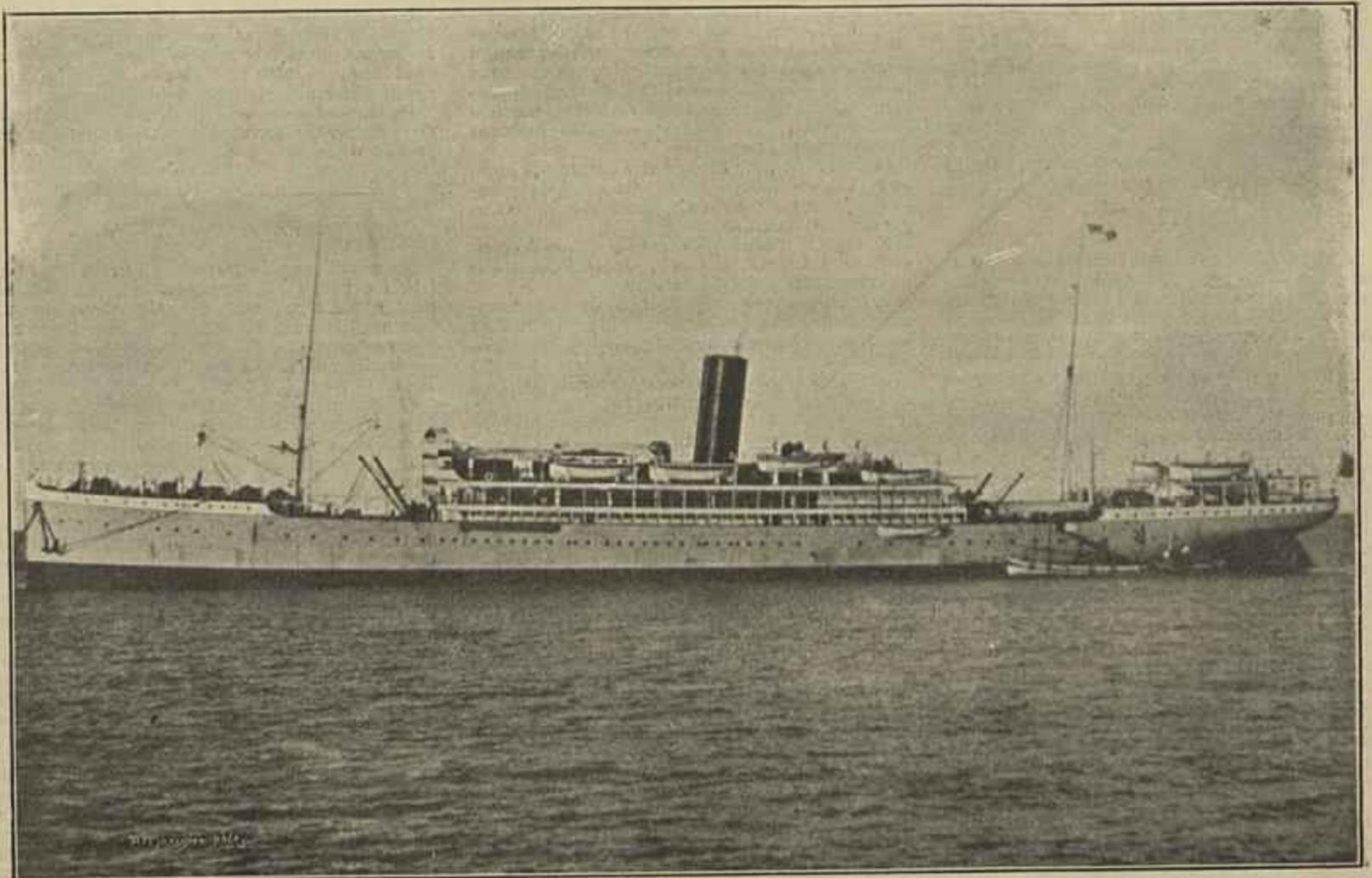
Em Messina e Metramo rebentavam fontes novas, e em San-Sisti abriram-se largas fendas no solo por onde saiam ondas de lama. Na Calabria tem-se observado sahir das fendas da terra grandes chammaz azues e o desaparecimento de fontes que secavam. Ha localidades em que a agua corre tão quente, que escalda as mãos que n'ella se mergulharem.

Por toda a parte se veem ruinas e se amontoam cadaveres, fazendo prever a peste, pela impossibilidade de se lhe dar immediata sepultura.

Centenas de soldados e habitantes da região trabalham na remoção dos entulhos e procuram descobrir algumas victimas que possam ser ainda salvas. N'uma d'essas remoções é encontrada entre os escombros uma creança de 7 annos viva e que esteve semi-soterrada 70 horas.



O FORTIM «D. LUIZ FILIPPE» NAS MARGENS DO CUNENE
 (Photographia do sr. Barradas, enviada pelo sr. Theodoro José da Cruz)



O NOVO PAQUETE «AFRICA» DA EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Os terremotos na Italia



RUINAS DA EGREJA DE STEFANACONI



RUINAS DA EGREJA DE PARGHELIA



POPULARES E ALGUNS CORRESPONDENTES DE JORNAES SOBRE OS PILARES DA EGREJA PAROCHIAL DE MONTELEONE CALABRO



AS RUINAS EM ZAMMARO



AS RUINAS EM STEFANACONI

A pena recusa-se a descrever tantos horrores. Para os logares da catastrophe partiu o rei Victor Emmanuel e os seus ministros, a distribuir socorros e a animar com a sua presença as populações desoladas.

Toda a Italia envia donativos e os jornaes enchem suas columnas de subscriptores para acudir a minorar a sorte dos que escaparam ao cataclismo.

A rainha de Italia enviou 50:000 libras e a rainha Margarida 10:000 o duque de Aosta 6:000, o Banco Commercial 40:000 libras, quantias que em moeda portugueza correspondem a uns desassete contos de reis. O imperador da Alemanha enviou 25:000 francos e o governo francez 250:000.

A Rainha Senhora D. Maria Pia tambem enviou um bom donativo e presidio a uma festa em beneficio das victimas, em Aix-les-Bains onde se encontra.

Em Lisboa a colonia italiana abriu tambem uma subscrição para socorrer as victimas.

Parte das gravuras, que a este respeito publicamos são feitas de photographias, enviadas dos logares da catastrophe pelo sr. Mario Zamboni.

NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

Emquanto á marinha mercante a decadência não pode ser maior, e é deveras triste a consequencia derivada de semelhante estado de coisas miseravel: é que, sendo nós os descendentes legítimos de homens que percorreram todos os mares e abriram ao commercio quasi todos senão todos os portos do mundo; sendo dotados de aptidão especial para a faina de bordo á qual nos convida o Oceano Atlantico, banhando e deliciando terra portugueza do continente europeu desde Gaminha até Villa Real de Santo Antonio; sendo extremamente propensos a veleidades de aventura e fornecendo marinheiros a navios mercantes de outras nações, não se compadece com estes titulos a não existencia effectiva de barcos portuguezes pondo em comunicação regular a metropole com todas as colonias e com os portos de países como o Brazil, onde tem mais aceitação os productos da nossa agricultura e os artefactos da nossa industria.

Já se completaram tres annos depois que escrevi as precedentes linhas, publicadas na *Revista Commercial*, n.º 6 correspondente ao mês de junho de 1902; e, exceptuando as carreiras um pouco mais animadas para as duas costas de Africa em que a bandeira portugueza não perdeu ainda o significado historico, nenhuma outra existem estabelecidas por empresas nacionaes, tendo escalas no estrangeiro. A cêrca de navegação para o Brazil tem-se continuado a falar e a escrever sob impressões mais ou menos energicas e ideias mais ou menos praticas.

Alguns homens capazes de dirigir uma companhia portugueza com tal destino, não obstante as diligencias que empregaram, quer junto do governo, quer expondo o seu plano ao chefe do Estado, encontraram difficuldades insuperaveis, desanimaram infelizmente, e desistiram por ventura da realisação do seu desejo nobre e patriótico.

Aludo a facto não muito recente. Até o ponto de ser necessario tratar do capital indispensavel para constituir empresa, adquirir vapores e iniciar o serviço respectivo, corre tudo no melhor dos mundos, com expressão de agrado geral; mas logo que se ventila a grave questão economica, as phisionomias demudam, ferverem argumentos de pessoas que se retraem, denunciam-se hesitações equivalentes a uma negativa formal de concurso.

Deu-se o caso de naufragar uma companhia em epocha muito proxima, com perda total para mais de um accionista; e o espelho triste da occorrença nada remota provoca sustos em muita gente.

Mas, será de justiça e de boa economia enriquecer as companhias de navegação estrangeiras que mandam aos nossos portos os seus paquetes em viagem para o Brazil, e as quaes com frequencia elevam os preços tanto de passagens como de mercadorias?

Não o creio; e por ter esta convicção alimentada por observação directa e por conhecimento pessoal adquirido e mantido durante annos em relações quotidianas, quer com agentes de companhias e consignatarios de vapores, quer com os proprios commandantes e outros officiaes dos navios, por ter esta convicção assim arreigada insisto em revelá-la no campo da publicidade.

Demonstrar a conveniencia economica e os motivos de indicação moral que nos prendem ao povo brasileiro, devendo apertar sempre as nossas relações de amizade e de sympathia, aliás impos-

siveis de quebrar de todo, demonstrar isto, seria offender os leitores com uma verdade palpavel e sentida no orgão onde o amor tem o alojamento, o coração.

Cumpra porém que todos e cada um cooperem com o esforço de suas boas vontades para uma cruzada cujo termo seja o seguinte: uma carreira de vapores portuguezes para o Brazil.

Desde que sejam vencidas as relutancias dos capitalistas e que seja obtido do governo o apoio compatível com as forças do thesouro publico, nada obstará á formação da companhia.

A experiencia já provou que a carreira do Brazil é vantajosa pecuniariamente falando; e provou tambem que o caracter é tudo não só nas administrações dos governos mas nas dos particulares investidos na direcção de companhias.

Ha no paiz, e conheço até aqui em Lisboa, quem alia á maxima competencia e probidade um grandissimo enthusiasmo de interesse patriótico.

Dentro em breve os mercados do Brazil, cujos portos já estão deshabitados da bandeira portugueza, serão abastecidos pelo estrangeiro em navios do estrangeiro; e os nossos vinhos chegarão a tempo de não ter entrada sequer no paiz revelado ao mundo pelo portuguez Alvares Cabral á sombra da bandeira que deviamos saber converter em symbolo mais querido aos olhos dos brasileiros, nossos irmãos pela lingua e pela crença!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

PALAVRAS CYNICAS

POR

Albino Forjaz de Sampaio

Indubitavelmente um dos livros mais singulares e estranhos dos que ultimamente têm saído a lume editados pela antiga e conceituada Livraria Tavares Cardoso, é esse original e forte *Palavras cynicas*. O auctor, Albino Forjaz de Sampaio, de quem ha tempo tivemos ensejo de falar quando da *plaguette Ao cair da folha* — um dos escriptores que, com mais audacia tomou logar entre os intellectuaes de merito real, descreve n'esse pujante livro as ambições e luctas de toda uma epocha como a nossa em que, muitos para treparem, se socorrem dos mais estranhos e pessimos meios; d'esse modo encerra umas theorias originalissimas — permitam-nos assim expressá-las sobre o cynismo das mulheres e a vaidade dos homens. — O que é a vida? — Uma torpeza — responde — por isso só o mais torpe é que consegue o triumpho.



ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Por aqui se depreheende que é um livro para todos os que querem ser alguma coisa, para aquelles que só têm odio dentro do coração, a supprir á bondade, o amor, e sobre este sympathico sentimento humano encerra este livro unico as ideias mais perversas. Para um dos capítulos

d'este extraordinario livro em que se ventila com furia a tragedia humana mais torturante e angustiada que n'um homem pode existir, seria applicavel este titulo: *O que é o Dinheiro; o que elle compra e o que elle pôde, e do mais que ao deante se verá*. Toda a convicção allí se dilacera e esfarapa, tudo o que até aqui era tido na conta mais honesta e mais santa, e allí analysado, mojado e retalhado já n'um movimento de revolta, já n'um riso ou n'uma ironia sarcastica.

O livro de Albino Forjaz de Sampaio — de quem gostosamente estampamos o retrato — é, antes de mais nada, um livro pleno de originalidade flagrante, um livro inédito, absolutamente novo no nosso mercado litterario. A forma é espontanea, incisiva, clara. E' um livro onde ha ideias — boas ou más, não discutimos — o que é uma cousa bastante rara nos tempos que vamos atravessando.

Albino Forjaz de Sampaio é, innegavelmente um rapaz de talento d'onde ha a esperar muito. A elle os nossos sinceros agradecimentos pelo exemplar enviado ao signatario d'esta despretençiosa critica.

XVIII-VII-CMV.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

NECROLOGIA

LUIZ PINTO MOITINHO

MEU CARO RODRIGO

No teu amavel bilhete pedes-me para escrever duas linhas, para acompanhar o retrato do benemerito Luiz Pinto Moitinho.

Má escolha fizestes, não só pela minha falta de competencia, mas tambem, por ser tarefa pesada de mais para mim. E como não posso arcar com a responsabilidade de um artigo, vou n'esta minha carta, sem pretensões e unicamente para satisfazer o teu pedido, dizer-te o que sei do meu querido pae Moitinho.

Moitinho foi um simples, um bom e um crente. A sua vida foi um rosario de benemerencias. Uma vida toda de luz e amor, toda de amor e caridade.

A sua missão na terra foi valer á humanidade, sem galardão, sem ruido nem apparencias.

Fazer bem. Era a essencia sublime com que o seu coração diamantino inebriava os velhos e as creanças.

Coração bom que recolhia dores e repartia allivios, com uma fé de apostolo, com uma crença de santo.

Era tudo isto, o pae Moitinho.

Um simples.

Quando o seu olhar sereno percorria o azul sem fim, como procurando no ceu, mais affectos e mais carinhos para distribuir na terra, elle sorria de contente, porque não tinha visto uma nuvem sequer annuiar-lhe o coração, que foi sempre todo amor... e que amor! O da humanidade.

Sorrir de contente e espalhar o bem n'uma alleluia de luz, é tudo quanto ha de mais sublime e bello.

E assim passou a vida, amando o proximo, ensinando, soccorrendo os indigentes, valendo aos enfermos, animando velhos, educando creanças, fundando associações erigindo asylos.

Fez tudo isto, o pae Moitinho.

Um bom.

Fazer bem! E' a acção mais grandiosa que valorisa e immortalisa os homens. E se n'este mundo, todo egoismo, a nossa razão aceita, que no Golpho o espirito triumphou da materia e que a nova doutrina, só derramou sobre a terra luz e amor, seja-nos licito aceitar, que o exemplo legado á humanidade pelo benemerito a quem hoje prestamos homenagem, é tambem uma santa doutrina de luz e amor, cuja oração todos devemos ter e resar.

Oração toda inspirada na philosophia do Evangelho, onde se aprende a amar como Jesus amou.

E' a oração dos martyres, dos resignados, dos justos, dos pacientes, dos que vivem com fé e com fé morrem.

Foi assim que morreu o pae Moitinho.

Um crente.

Luiz Pinto Moitinho nasceu em 1837. Foi aprendiz na mesma casa onde estava estabelecido, então propriedade de Isidoro da Silva Cardoso, um dos mais habéis e conceituados ourives d'aquelle tempo.

Foi por 1863, que Moitinho começou a empregar o melhor do seu tempo e da sua actividade, em favor das instituições de previdência.

Conjunctamente com Joaquim Filipe Nogueira, João Joaquim Antunes Rebello, Francisco S. Aveijão e Silva, Antonio dos Santos Migueis e Victalino Cesar de Jesus, — seis soldados da velha guarda, dos quaes apenas existem dois, — Luiz Pinto Moitinho fez parte da Comissão Organizada da Associação dos Ourives da Prata Lisbonenses, que extinguiu a Confraria de N.ª S.ª d'Assumpção e Santo Eloy dos Ourives, então installada n'um prédio da rua da Prata, onde hoje está estabelecida a loja de louça, do sr. Boaventura dos Reis.

Foram 27 meses de lucta no fim dos quaes sahio vencedor.

Estava satisfeito o seu ideal.

Os ourives da prata tinham uma instituição de socorro mutuo.

Em 1902, foi o ultimo anno, que Moitinho presidiu aos destinos da sua associação, e isto basta para provar o devotado affecto, que elle, até ao fim da sua vida, sempre lhe dispensou. Mas a lei d'esta collectividade só admittia em seu seio os officiaes de ourives. Os que pertenciam ás artes annexas não tinham alli entrada.

Era pois, preciso fazer mais alguma cousa em favor dos outros, e Moitinho assim fez.

Em 7 d'Abril de 1877, fundou a Associação dos Ourives e Artes Annexas, e em Maio do mesmo anno, n'uma casa da rua da Oliveira ao Carmo, sede da Associação dos Artistas Lisbonenses, eram discutidos e approvados os estatutos, cujo relator foi o nosso amigo sr. Antonio Joaquim Simões d'Almeida.

A historia d'esta associação é assaz interessante, não só na parte referente ao socorro mutuo, como na que diz respeito aos interesses da classe.

Basta ler o relatório de 1902, para se calcular o importante papel, que a Associação tem tomado, em tudo, quanto interessa á classe dos ourives. E em quasi todas as comissões, especialmente na que foi nomeada em dezembro de 1878, para conseguir do governo a lei de garantia do toque das obras de ouro e prata e organização das contrastarias, lá vemos sempre, como estrella fulgurante, o nome de Luiz Pinto Moitinho.

Em sessão solemne realizada em 21 de Janeiro de 1903, no edificio da Contrastaria, recebeu o emerito trabalhador um diploma de honra, que lhe foi offerecido pelos seus consocios e amigos.

Foi elle, diz o relatório, o seu principal sustentaculo, n'este periodo já longo de 25 annos, sem esfriar no zelo e dedicação, com que iniciou a nossa Associação.

Santa creatura que tanto cuidou do proximo! Mas tem paciencia meu caro Rodrigo, tenho que te dizer, que não acaba aqui a estrada das boas obras do pae Moitinho. Falta ainda fallar-te na que mais affectos lhe mereceu—O Asylo-Officina Santo Antonio de Lisboa.

Que monumento, meu amigo, todo feito de migalhas, de luz e de amor, onde a cada passo se encontra um padrão de energia.

Se percorreres as diversas dependencias, em todas ellas verás o quanto vale a vontade, a coragem e a dedicação. Tudo quanto alli se ergue deante de nós, foi Moitinho que ergueu, ou pediu para erguer. E se o que elle fez vale muito, o que elle pediu não vale menos.

Mas para mim, o que ainda tem mais valor é... o que se não vê e que dorme com elle o somno eterno.

Tudo conseguia mas... quantas luctas, quantas desillusões não soffreu? Mas se nas luctas foi sempre um energico, sem orgulho, nas desillusões foi um humilde sem baixeza.

O excellente artigo do distincto academico e velho amigo do extincto, o sr. Costa Goodolphim, que ha pouco tempo o teu—OCCIDENTE—publicou, define bem e põe bem em relevo os sentimentos humanitarios do saudoso fundador de tão bella instituição; por isso não alongarei muito mais a minha carta. Apenas notarei de passagem o quanto elle amava as suas *pequenas*, como lhe chamava.

Que enternecedora adoração que as creanças tinham por elle.

Bons dias sr. Moitinho! diziam ellas em coro, muito alegres, como se fosse um bando de avesitas que saudam o romper do dia.

E elle tinha sempre um carinho para uma, uma festa para outra, um sorriso para todas.

Era o pae.

Depois lá estava na officina d'ourives, a distribuir o trabalho do dia, a emendar o trabalho da vespera, e a animar as pequeninas operarias a proseguirem na sua tarefa abençoada.

Era o mestre.

As creanças sorrindo emendavam. Era como se tivesse chegado a sua bocca áquelles corações angelicos e as suas palavras fossem cinzeis. Tudo ficava gravado.

A emenda e... a gratidão.

A sua alma era um inexgotavel filão de ouro, e como era mestre no officio, fez joias de muito valor, que hoje choram amargamente a sua perda, com uma saudade infinda.

Boas noites sr. Moitinho! diziam ellas todas em coro, muito alegres.

E elle lá estava na aula de desenho com a mesma evangelica paciencia.—Olha filha faz assim!—e elle proprio acabava um traço, emendava uma curva, avivava uma linha.

Encantadora missão.

E como elle pedia para o seu asylo, ainda ninguem soube pedir.

Conversando pedia. E a sua conversa tão simples como attrahente, cortada por vezes com o seu estribilho—tal e tal e tal—acompanhado por uns acenos de mãos, que bem confirmavam as palavras, elle pedia, conseguia e vaccinava quem o ouvia, com a vaccina pura das suas puras intenções.

E cabe aqui bem o seguinte verso que lhe offereceu o distincto poeta José Ignácio de Araujo:

E nobres almas sem fel,
A quem pertence e convem
D'esta alta empreza o lauro?
A um artista que honras tem
Porque trocou o cinzel
P'lo officio de fazer bem.

Que nobre caracter!

E hoje, meu amigo, que a nobreza de raça se vê obrigada a ligar-se á nobreza do trabalho, não é muito que a nobreza de caracter, se coadune e unifique tambem, como n'uma trindade evangelica, porque é d'ella que sempre nascem os grandes exemplos.

E o exemplo da nobreza de caracter de Moitinho, nobilita e fortalece os homens, como o sol fecunda e fortalece a terra.

E foi d'essa nobreza que para nós nasceu a gloria immorredoura de um nome—Luiz Pinto Moitinho—Um nome que foi uma gloria, gloria que é hoje uma saudade.

E aqui tens tu meu Rodrigo, o que te posso dizer do Pae Moitinho.

Vou acabar com o seguinte trecho do primeiro relatório do Asylo de Santo Antonio.

Para concentrar todos estes esforços de modo a expandil-os productivamente, era necessaria a unidade de acção, para tudo seguir as normas da mesma direcção, e n'esta conformidade demos um voto de plena confiança ao nosso collega sr. LUIZ PINTO MOITINHO, para elle superintender em tudo, de modo a não intorpecer a pujança das suas iniciativas, perante os formalismos de qualquer auctorização previa. O fundador da nossa associação, o proto-tipo do philantropo, houvesse por tal forma no seu mandato, que se encarnou no proprio asylo, dedicando-lhe todos os seus affectos que são enormes. E assim, nasceu, cresceu, e fructificou a nossa associação.

Em 1892 toram estas palavras a glorificação a um vivo. E já que Deus o levou, eu pobre admirador das suas virtudes só lamento que estas linhas pobres tambem não possam ser a glorificação do meu querido morto.

Desculpa e dispõe sempre do

Teu muito dedicado

HENRIQUE ALVES

LUIZ PINTO MOITINHO

Falleceu no dia 17 do corrente, este honradissimo commerciante, estabelecido ha muitos annos com ourivesaria na rua da Prata.

Eu, como humilde admirador das suas diamantinas qualidades de caracter, não posso deixar de prestar n'esta revista a minha respeitosa homenagem de vivissima saudade áquelle que foi um benemerito. Deixou uma obra immorredoura, que foi o seu querido Asylo—officinas de Santo Antonio, por elle fundado e que tanto amou, ao qual dedicava o melhor do seu tempo, para onde convergiam todas as suas atencções, sollicitudes e esperanças!

Quando entrava n'aquelle templo de educação

e trabalho todas as educandas sentiam um bem estar e se lhe acercavam radiantes de alegria, e elle, com um sorriso e com aquelle ar de bondade que lhe era caracteristico, correspondia ás carinhosas saudações das suas pupillas, a quem animava, com palavras de incitamento ao trabalho e ao estudo e são conselhos.

Luiz Pinto Moitinho, nunca soube se não praticar o bem; era d'uma modestia extraordinaria, sem limites, nunca se quiz salientar, antes pelo contrario, melindrava-se, se por acaso tentassem dar publicidade ás obras de caridade que constantemente praticava.

As lagrimas derramadas pelas pobres creanças ao vêrem desaparecer para sempre o seu benefactor, aquelle que velava por ellas com o desvelo d'um verdadeiro Pae, traduziam nitidamente não só a dôr cruciante que as alanceava, mas a gratidão que lhes ia na alma pelos beneficios recebidos.

Segundo me consta fica substituindo o saudoso extincto, seu genro o Sr. J. A. Simões d'Almeida, que collaborou com Luiz Pinto Moitinho na fundação do Asylo ao qual tem prestado assignalados serviços; espirito esclarecido e dotado de um excellenté coração, será o continuador d'essa grande obra, sendo portanto uma garantia para o futuro e progressivo desenvolvimento d'aquella util instituição de beneficencia, secundado pelos illustres membros da Direcção e pela excellentissima regente a Sr.ª D. Julia da Conceição, a quem dignamente está confiada a educação d'aquellas creanças, que ella dirige com tanta proficiencia.

E vós, educandas do Asylo—Officinas de Santo Antonio, lembrai-vos que a maior satisfação e alegria que podéis dar ao vosso Pae adoptivo, de saudosissima memoria, era a applicação ao estudo e ao trabalho que elle tanto apreciava.

Pois bem; prosegui no caminho do dever que elle vos traçou e assim honrarei a memoria d'aquelle que tanto vos protegeu.

Que descance em paz o benemerito e honrado Luiz Pinto Moitinho.

O seu nome ficará gravado em letras d'ouro e a sua memoria será inolvidavel no coração de todos quantos o conheceram e lhe foram dedicados.

25-9-905.

ARTHUR REBELLO D'ANDRADE E FIGUEIREDO

EXPLORADOR CONDE DE BRAZZA

Um telegramma de Dakar participou á Europa o fallecimento do explorador Conde de Brazza em 14 do corrente.

Pedro Paulo Francisco Camillo Savorgnan de Brazza, descendente de uma illustre familia italiana, nasceu em Roma, no palacio de Brazza, em 1852.

Pela annexação de Roma ao reino italiano, Brazza passou a França, e fez os seus estudos em Paris, naturalizando-se cidadão francez e seguiu a carreira de marinha.

Em 1875 Brazza empreendeu a sua primeira viagem de exploração em Africa na bacia do Ogooué e subiu este rio uns 688 kilometros, avançando na direcção de este, alcançou as origens do Alima. Hostilizado pelos indigenas, teve de seguir para o norte encontrando ao fim de um mez de exploração o Licona, onde não foi melhor recebido, o que o fez voltar á pequena colonia franceza do Gabão, regressando á Europa em fins de 1878.

Chegado a França, Brazza soube dos resultados da viagem do explorador inglez Stanley, atravez da Africa equatorial e do Congo. Stanley reconhecia os rios Alima e Licona como afluentes do Congo, o que fez vêr a Brazza a vantagem de abrir por aquelles dois rios uma via parallela e directa do Ogooué e do Alima ao rio Congo, a unir a montanha dos seus ultimos rapidos.

Isto resolveu Brazza a partir novamente para Africa (1879) e desde então tornou-se como que um rival de Stanley.

Este explorador inglez havia fundado n'aquellas paragens do Congo uma estação que denominou Stanley pool; Brazza fez um tratado com o regulo Makoko em que este acceitava o protectorado da França para os seus territorios e cedia ao explorador francez uns terrenos para estabelecer um povoado.

E' assim que Brazza funda no alto do Ogooué a estação Franceville, e outra no Alima, Brazzaville pretendendo abrir uma corrente commercial do alto Zaire para a colonia do Gabão.

Em 1882 Brazza volta á Europa e a França exalta os seus serviços acima dos de Stanley.



LUIZ PINTO MOITINHO



O EXPLORADOR CONDE DE BRAZZA

No anno seguinte tornou a partir para Africa e com o concurso do dr. Ballay completou os seus estudos do Ogoué e da bacia do Alima, estabeleceu uma serie de estações, conseguindo dos indigenas melhores disposições para com a França. Em 1885 foi assignado em Paris o tratado que

delimitou a esphera d'acção da França e do Estado Livre do Congo, sendo em 1886 nomeado Brazza Commissario Geral do Governo das possessões francezas do Oeste.

Em 1890 Brazza foi nomeado Commisario Geral do Governo no Congo francez, e desde então

dedicou-se ao desenvolvimento da colonia para que tanto trabalhou.

O seu rival Stanley, que bastante o preocupou, de ha muito se retirara a vida particular, e precedeu-o no tumulo, fallecendo em Londres a 10 de maio do anno passado.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 4.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

Atelier Photographique, FRAGA

Largo da Abegoaria, 4 — 66, Rua Serpa Pinto — LISBOA

SUCESSEUR DE MARTINEZ

Travaux photographiques en tous genres, depuis médaillon jusqu'à grandeur naturelle, par les procédés instantanés les plus récents, donnant les meilleurs résultats pour les enfants et tous les sujets animés. Poses et effets de lumière artistiques. Spécialité de la Maison *Platinotype & Chromotype*. Archives de 30.000 clichés qui peuvent être reproduits en indiquant l'année et le mois de la pose.

Travaux à domicile. — On parle Français, Anglais & Espagnol

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE aceita photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

Almanach illustrado do OCCIDENTE Para 1906

Sahe brevemente a publico este interessante annuario e desde já se recebem encomendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — Largo do Poço Novo
LISBOA

ROBURINA

MEDICAMENTO PREPARADO POR

JAYME JOSÉ DA COSTA

Pharmacutico pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Tonico, reconstituente do systema nervoso, hyperglobulico e alimento de reserva, etc.

Empregado com efficacia, no tratamento da debilidade geral, anemia chlorose, neurasthenia e convalescença das doenças, etc., etc., conforme o provam os attestados dos principaes medicos da capital.

POSOLOGIA. — A *Roburina* toma-se dissolvida em agua. Na falta de indicação especial do clinico, 3 colheres das de chá por dia, antes de cada refeição.

Preço do frasco 800 rs., pelo correio acresce o porte

PHARMACIA JAYME JOSÉ DA COSTA

115, 117, Rua de Andaluz, 119, 121

Telephone n. 1518

LISBOA